

## / PALAVRA DO LEITOR

## Crônicas de Fernando Albrecht

A obra "A vida como ela foi", do jornalista Fernando Albrecht, traz crônicas com memórias vivas sobre sua infância e adolescência no Interior e trajetória adulta em Porto Alegre (Caderno Viver, edição de 24/04/2026). O livro é uma merecida homenagem ao jornalista Fernando Albrecht pelo seu desempenho e capacidade de levar aos olhos dos milhares de gaúchos informações durante sua atividade. Somos da mesma safra no tempo, portanto, acompanho o Albrecht há dezenas de anos. Desejo saúde para continuar nos dando a oportunidade de nos manter bem informados. (José Valdai de Souza, médico, por e-mail)



## Enchente

Dois anos após a enchente histórica que atingiu o Rio Grande do Sul em maio de 2024, o Estado relembra cicatrizes e o que foi feito para melhorar a proteção de cheias (JC, 04/05/2026). Nada foi feito no Guaíba e no Rio dos Sinos em termos de desassoreamento ou dragagem. (Goretti Becker)

## Cerimônia de casamento

Os psicólogos gaúchos Cássia Bernardy, 33 anos, e Daniel Mariano, 39, protagonizaram uma cena curiosa em um condomínio no bairro Hípica, na Zona Sul de Porto Alegre. Eles se casaram no canteiro de obras do local que daqui a alguns meses dará lugar à residência da família (JC, 29/04/2026). Que alegria ver nossa história sendo contada assim. Nosso casamento no meio da obra da nossa casa foi exatamente isso: a construção do nosso lar, da nossa parceria e da vida que estamos escolhendo todos os dias. Ter as pessoas que amamos ali tornou tudo ainda mais especial. Que coisa boa poder viver e celebrar o amor. (Daniel Antunes Mariano)

## Cerimônia de casamento II

Que incrível essa ideia de realizar a cerimônia de casamento no local onde está sendo construída a futura casa. Faz todo sentido iniciar a união com a bênção de Deus sobre a terra onde irão passar momentos incríveis. Que Deus ilumine essa família, desejo felicidades ao casal pela linda história. (Veridiana Schafer)

## Guerra no Oriente Médio

Como católico e vivendo em um mundo que precisa de muita firmeza e grandes atitudes de seus líderes maiores, solicito ao Arcebispo de Porto Alegre, Dom Jaime Spengler, em função de seu relacionamento com o Santo Padre Leão 14, que o mesmo deixe de fazer frases de simples efeito na mídia sobre a guerra no Oriente Médio e, aproveitando de sua responsabilidade, faça em um gesto humanitário sem precedentes uma viagem aos países envolvidos nesta guerra e coloque a posição da Igreja a respeito do grave problema. Com certeza, será muito ouvido e esta atitude talvez possa ser o fator determinante para o início do fim desta tragédia. (Adriano Ramos, por e-mail)

Na coluna Palavra do Leitor, os textos devem ter, no máximo, 500 caracteres, podendo ser sintetizados. Os artigos, no máximo, 2300 caracteres, com espaço. É necessário indicar no título do e-mail se é "Artigo" ou "Palavra do Leitor". Os artigos e cartas publicados com assinatura são de responsabilidade dos autores e não traduzem a opinião do jornal. A sua divulgação, dentro da possibilidade do espaço disponível, obedece ao propósito de estimular o debate de interesse da sociedade e o de refletir as diversas tendências.

## / ARTIGOS

## O mercado ainda pune a maternidade

Simone Peter

No Brasil, uma em cada quatro mulheres já relatou ter sido preterida em processos seletivos por estar em idade fértil. Dado que revela, com precisão, o abismo entre a celebração da maternidade em maio e a realidade do mercado de trabalho nos outros onze meses do ano.

Embora a legislação brasileira assegure direitos relevantes, como a estabilidade gestacional, que protege a trabalhadora desde a confirmação da gravidez até cinco meses após o parto, a experiência prática mostra que a maternidade segue sendo tratada, de forma velada, como um fator de risco profissional. Não declarado, mas presente.

Essa percepção se manifesta de maneiras sutis. Está em processos seletivos nos quais mulheres em idade fértil são preteridas, em promoções que deixam de acontecer após a licença-maternidade e em decisões internas que, sob justificativas aparentemente neutras, acabam por reduzir espaço e protagonismo. São condutas difíceis de comprovar, mas cada vez mais frequentes nas discussões judiciais, inclusive com precedentes recentes no TST reconhecendo a discriminação indireta por gênero como fundamento para indenização.

O retorno ao trabalho é, talvez, o ponto mais sensível dessa equação. A lei garante a reintegração às mesmas condições anteriores, mas o ambiente muitas vezes não acompanha essa garantia. Falta preparo, faltam políticas consistentes de flexibilidade e, sobretudo, falta compreensão de

que a maternidade não deveria representar ruptura na trajetória profissional.

Diante da dificuldade de conciliar carreira e cuidados com os filhos, muitas mulheres reduzem o ritmo ou interrompem planos profissionais. Não por escolha plena, mas por ausência de condições reais de permanência e crescimento. Esse movimento, muitas vezes invisível, impacta diretamente a equidade no mercado de trabalho.

Do ponto de vista jurídico, o desafio já não é apenas assegurar direitos formais. É enfrentar práticas que, embora indiretas, produzem impactos concretos e contribuem para a desigualdade no ambiente de trabalho. Ignorar esse cenário é não apenas um risco legal, mas um atraso institucional.

Enquanto a maternidade continuar sendo tratada como um problema a ser gerenciado, e não como parte legítima da vida profissional, o mercado seguirá punindo mulheres por uma escolha que deveria ser protegida, e não penalizada. A lei já deu o seu passo. Agora, é hora de o mercado dar o dele.

Advogada especialista em Direito Trabalhista do Jobim Advogados

A maternidade segue sendo tratada, de forma velada, como um fator de risco profissional

## O novo na nova ordem internacional

Marcos Quadros

As ações recentes das grandes potências têm causado espanto e debate. Se a perplexidade deriva de leituras ingênuas ou idealistas, as perguntas sobre os rumos da ordem internacional são pertinentes, eis que remetem a mudanças estruturais que vêm ocorrendo na balança de poder global.

A Rússia tenciona o sistema a fim de recompor a autoridade perdida após o colapso da URSS. A primazia sobre o Leste Europeu é vista como vital, o que explica o uso da força desde a anexação da Crimeia. Em paralelo, Moscou consolida sua presença ao apoiar regimes periféricos ou dissidentes, enfrentando o Ocidente por meio de proxies, como se viu na Síria.

A China tem um projeto ainda mais abrangente. Incita a contestação por meio de fóruns multilaterais que manietam e implanta um programa global de investimentos que lhe assegura capital político crescente e acesso a ativos estratégicos, abalando a outrora tradicional influência dos EUA em regiões como a AL. No plano militar, as ostentações de equipamento bélico e a postura

frente a Taiwan sinalizam que Pequim não relutará em se impor.

No Ocidente, há o aparente fim do sono da União Europeia, com o anúncio do aporte de € 800 bilhões para o setor de Defesa e o rearmamento explícito de países como a Polônia. A repactuação da Otan é consequência do voluntarismo cotidiano de Donald Trump, o qual exige lealdade de antigos parceiros e deixa claro que armas e coações serão empregadas para garantir aos EUA seu status de superpotência. Assim, se Venezuela e Irã, por exemplo, se negam a colaborar, usa-se a linguagem dos bombardeios.

Tudo isso revela que o realismo impera na nova ordem. Baseado na força e em projetos de poder que sobrepujam os mais fracos ao reivindicarem zonas de influência bem definidas, tal realismo move as potências na perseguição feroz de seus objetivos, esvaziando inteiramente instâncias como a ONU.

A rigor, sempre foi assim. As nações buscam seus interesses valendo-se da Razão de Estado tecida pelo cardeal Richelieu. Em verdade, o multilateralismo e o globalismo fundaram parênteses excêntricos, embebidos por otimismo de gabinete e sem base na realidade. O "novo" da nova ordem internacional, portanto, não é tão novo: trata-se de um museu de grandes novidades.

Cientista político e gestor acadêmico da Estácio Porto Alegre